

Ontogênese da inteligência ética

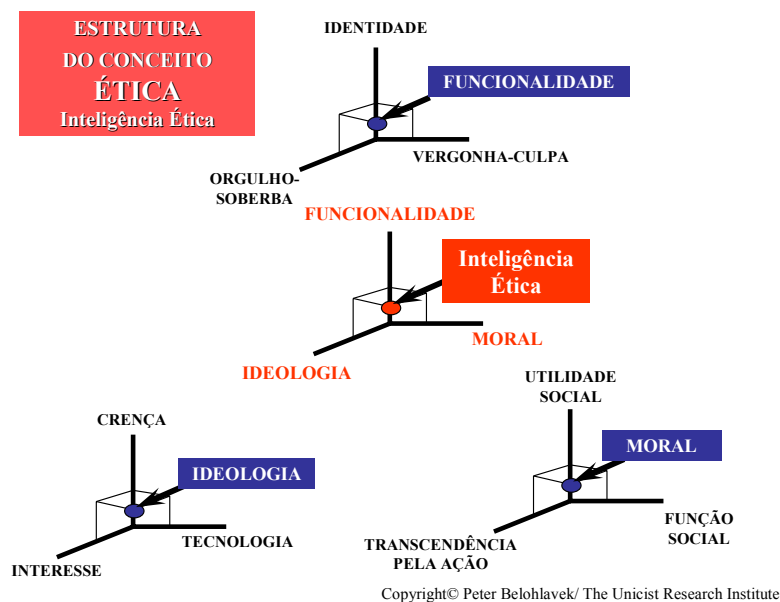
Este é o resumo dos resultados da investigação desenvolvida, com a condução de Peter Belohlavek, sobre a gênese do desenvolvimento e a evolução da inteligência ética.

A inteligência ética é um mecanismo mental que constrói os preconceitos estruturais e as regras de jogo com que um indivíduo aborda a realidade.

A inteligência ética tem por objetivo fazer funcional a interação entre o meio e o indivíduo. Seu último propósito é conservar a identidade do indivíduo em questão. Quando falamos de identidade nos referimos tanto aos aspectos individuais como aos grupais e sociais.

A inteligência ética funciona adequadamente quando o indivíduo obtém os objetivos que afirmam sua identidade, sente orgulho pelo que é, parece e faz e sente vergonha quando falha. Quando falha repara naturalmente para evitar cair em um processo de culpa que levaria a inteligência ética a operar em forma disfuncional.

A estrutura conceitual da inteligência ética é a seguinte:



O propósito da inteligência ética é, como se disse antes, conservar no profundo a identidade do indivíduo. Quando estamos perante um adulto, a função moral é o que faz evoluir ou involuir à inteligência ética.

Se um indivíduo deixar de lado a utilidade social de seu acionar e a substituir pelo propósito de estar em paz com sua consciência, naturalmente o indivíduo se inclina a operar com as regras de jogo da ética da sobrevivência.



A transcendência pelo absoluto, com Deus, é parte da transcendência pela ação e é um elemento necessário para que a função moral exista. Por isso todos aqueles que negam os absolutos não acedem a sua ontointeligência ou só podem operar no nível que corresponde à ética do sobrevivente.

A ideologia é a base da funcionalidade da inteligência ética. Para explicar isto é útil descrever a ontogênese da inteligência ética.

A etapa da sobrevivência

Quando uma criança nasce sua ética não existe, sua conduta é amoral, seu objetivo é sobreviver e crescer, carecendo de ideologia. Estabelece-se em seu comportamento na ética do sobrevivente.

Quando os adultos operam na ética do sobrevivente, operam da forma antes descrita.

A etapa da subsistência

Em condições de culturas desenvolvidas, uma criança tem seu sustento assegurado. Quando não é assim segue operando ao nível da ética de sobrevivência, onde a amoralidade se torna um anticonceito de moral e a justificação de seu acionar lhe gera um sustento ético.

Mas voltando à etapa de criança com sua sobrevivência assegurada, este asseguramento a obriga a seguir determinadas condutas esperadas pelo meio que a “mantém”.

Estas condutas funcionais à necessidade de ser mantido geram a ética da subsistência ou ética do valor apropriado. É a ética que estabelece as regras de jogo necessárias para apropriar valor.

Esta etapa se aguça na adolescência, onde o indivíduo tem mais carências que uma criança. Está deixando de ser criança e ainda não é adulto auto-suficiente. Esta circunstância faz que se integrem duas éticas funcionando ao mesmo tempo.

- 1) A ética da subsistência pela parte de criança que tem o adolescente.
- 2) A ética de sobrevivente pela parte incipiente de adulto que tem o adolescente.

Daí a inteligência errática que tem um adolescente em seu processo de adaptação ao meio.

Quando um adulto busca ser mantido ou precisa ser mantido tende a desenvolver as mesmas atitudes de uma criança ou de um adolescente.



A etapa do valor agregado

A adolescência termina quando um indivíduo está em condições de inserir-se em forma útil a uma sociedade, ou seja, gera valor agregado. O jovem desenvolve nestas circunstâncias a ética do valor agregado o que lhe permite ir ganhando posições nas sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento.

Um indivíduo é adulto jovem, qualquer que seja sua idade, se sua ética for funcional ao agregado de valor. Por exemplo, um ladrão que trabalha para o chefe de uma quadrilha não agrega valor nos termos que estamos falando. Consideramos valor agregado ao que se gera a partir de algo ou alguém e não o que surge à custa de algo ou alguém.

A etapa da fundamentação

Quando um indivíduo, já adulto, busca influir no meio ao ponto de gerar mudanças na sociedade que permitam “*obter mais com o mesmo*” ou “*mais com menos*” precisa alcançar um nível de ética que lhe permita manejar fundamentos que possam ser compartilhados para gerar sinergia.

A ética da fundamentação é para aqueles que buscam gerar um valor agregado qualitativamente melhor que o que se vinha fazendo. Sempre a partir de algo ou alguém e não à custa de algo ou alguém.

A etapa conceitual

É a etapa da “sabedoria” já que inclui todas as demais etapas na medida que forem funcionais a uma situação.

Inteligência ética e falácias

As falácias produzem, por sua própria definição, efeitos paradoxais. O processo de adaptação dinâmica não pode produzir-se e o indivíduo cai, ao menos temporariamente, ao nível da ética de sobrevivência para poder sair da situação.

Com cada queda no nível de sobrevivência fica-lhe mais difícil conservar o nível de inteligência ética que tinha alcançado.

The Unicist Research Institute